

## SEXO LÍQUIDO: AS RELAÇÕES ENTRE A ERÓTICA WEBERIANA E O PENSAMENTO DE BAUMAN

Caio César Pedron<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** The modernity is marked by progressive development of rationality and by separation of social subsystems, which is the central gap that of which Max Weber forms part, to refer an analysis of erotic sphere, that is, the sphere of intellectualization sex and recognized as a central element in the contemporaries narratives of love. This paper has a main as principal theme the discussion of the Weberian erotic sphere under the prism of the Bauman's modern thought, about love, to attend for the relational links between the the two analyses and point out what each one its singular to produce a new think about the sex and your stressed relation in the current think.

Keywords: Erotic, Weber, Bauman.

**RESUMO:** A modernidade é marcada pelo desenvolvimento progressivo da racionalidade e pela separação dos subsistemas sociais, este é o eixo central do qual parte Max Weber para referendar uma análise da esfera erótica, ou seja, da esfera de intelectualização do sexo e de reconhecimento deste como elemento central nas narrativas contemporâneas do amor. Este trabalho tem como principal objetivo a rediscussão da esfera erótica weberiana sob o prisma moderno-tardio do pensamento de Zigmunt Bauman quanto ao amor, atentando para os nexos relacionais estabelecidos entre as duas análises e salientando aquilo que cada uma, em sua especificidade, pode produzir de significativo na releitura do sexo e de sua relação conturbada e produtiva com o pensamento atual.

**Palavras- Chave:** Erótica, Weber, Bauman

### INTRODUÇÃO

Max Weber (1864-1920) e Zigmunt Bauman (1925- 2017) dois dos maiores pensadores da sociologia: o primeiro compartilha com Émile Durkheim e Karl Marx, no panteão dos clássicos, o título emérito de pai da sociologia – em especial da análise microsociologia e compreensivo simbólica da sociedade; o segundo, falecido recentemente, é considerado um dos maiores sociólogos da contemporaneidade. Se por um

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia na linha de pesquisa - Teoria e Pensamento Sociológico pelo Programa de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP), onde atualmente também participa do grupo de pesquisa - Teoria Crítica e Sociologia. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP)

lado os momentos históricos, os elementos metodológicos e as preocupações políticas parecem diferentes, sobram elementos de aproximação no que concerne aos objetos de pesquisa, ao ecletismo temático e bibliográfico além da preocupação ética com a finalidade da sociologia em seus contextos biográficos.

O que nos preocupa neste trabalho é a compreensão do universo conceitual de ambos os autores na temática referente ao amor e o sexo. Para o alemão a emergência do processo de racionalização fez com que surgissem esferas de valor autorreferentes (WEBER, 1974), dentre elas, a esfera erótica que condensava a intelectualização do sexo num mundo onde o ser total do homem estaria “alienado do ciclo orgânico da vida camponesa” (WEBER, 1974, p.258). O erotismo ganharia valor como forma de reconectar o homem, através do gozo consciente, “a essência mais irracional, e portanto mais real, da vida, em comparação com os mecanismo da racionalização”(WEBER, 1974, p.258).

Enquanto que o polonês, refletindo após as inúmeras experiências que marcaram a libertação da sexualidade – desde o maio de 1968 até os dias atuais – conviveu em uma sociedade do amor puro (GIDDENS, 1993) onde as relações amorosas são fluidas e marcadas pelo trânsito permanente. A crítica de Bauman em Amor Líquido (2004) é, sobretudo, uma crítica moral dos relacionamentos humanos, em uma sociedade permeada pela lógica do descarte e da transitoriedade como única forma de estabelecer-se no mundo, não há mais espaço para o compromisso que estabelece o vínculo pessoal e garante o conforto de estar seguro, de ter alguém que lhe espera. Os atuais “relacionamentos frágeis e breves não preenchem os requisitos. Pelo contrário, tornam-se passivos que obstruem movimentos futuros” (BAUMAN, TESTER, 2011, p.139).

Para Weber a consciência erótica e sua experimentação seriam válvulas de escape à racionalização crescente dos modos de vida colocando sob uma *jaula de ferro* (WEBER, 2001) toda e qualquer característica irracional, até mesmo a animalidade plena e criativa presente na ação emocional humana (WEBER, 1974), para Bauman, é precisamente a fluidez dos laços contemporâneos marcados por essa erótica livre – entendendo-a como os relacionamentos livres analisados por Antony Giddens (1993) – que garantem a insegurança e a liquidez do amor, tornando-o um mero brinquedo nas mãos da publicidade,

uma palavra esvaída de sentido categorizador e canalizada para toda e qualquer expressão da sexualidade sob a forma mercadoria.

Cabe agora, destrinchar mais a fundo a teoria da esfera erótica atentando de maneira pontual as inter-relações possíveis desta construção normativa que perfazem a vida dos autores (RADKAU, 2009, RADKAU, 2010, MIRANDA, 2009) e (BAUMAN, TESTER, 2010, BAUMAN, 2005) verificando os elementos constitutivos da erótica enquanto modelo de explicação weberiana da realidade e contextualizando esta esfera no todo conceitual do processo de racionalização do mundo além de, através de uma análise comparativa, estabelecer as relações entre a erótica weberiana e o amor líquido na leitura de Bauman.

## **A ERÓTICA E WEBER**

Antes de desenharmos o conceito de esfera erótica de maneira metodológica urge compreender o contexto histórico/biográfico do seu advento, John Patrick Diggins (1999) com uma anedota apresenta o envolvimento de Max Weber com os movimentos de erótica livre que pululavam no império alemão (1871-1918):

Anos após a morte de Weber, ela perguntou ao filósofo Karl Jaspers, um admirador de Weber que o havia conhecido quando estudante, se o seu marido havia tido um caso amoroso. Jaspers primeiro descartou a possibilidade, assegurando a Marianne que “Max Weber era a verdade em pessoa”. A curiosidade, porém, levou Jaspers a escrever a Else Jaffé em 1967; dessa forma, ficou sabendo da infidelidade de Weber. Jaspers ficou arrasado com a idéia de que um homem aparentemente tão virtuoso poderia ter levado, ainda que momentaneamente, uma vida de duplicidade “o que acontece com um homem para quem a verdade encontra-se acima de tudo?” Revendo mais uma vez a obra de Weber, Jaspers agora via “um transtorno titânico no vazio” (DIGGINS, 1999, p.196-197).

É interessante perceber o mito construído ao entorno da figura de Weber, a própria Marianne Weber (2003) relatou na biografia de seu marido o quanto ele foi admirado tal qual – e, para ela – um “Deus dos Bosques teutônicos” por tantos estudantes, que até cogitaram sua candidatura ao parlamento da nascente república de Weimar (RADKAU,

2009, WEBER, 2003). A melancólica reação de Jaspers seria ainda maior se soubesse que Weber não teve somente um caso com Else Jaffé – sua grande paixão – mas também um relacionamento com Mina Tobler, uma pianista que, dentre outras coisas, lhe inspirou a musicalidade como metáfora e a sociologia da música (LEPSIUS, 2004).

O que nos interessa na abordagem dos relacionamentos extraconjugais do autor é menos a detração moralista de sua vida e mais a perspectiva de que na maturidade, e somente nela, é que Max Weber se abre a experimentação de uma erótica livre. Joachim Radkau (2009) apresenta uma tese singular: para ele, Max Weber experimentou uma verdadeira “salvação intramundana”; o ano é 1909, o lugar Veneza: a partir deste primeiro encontro com Else Jaffé tudo mudou em sua vida, até a produção intelectual, visto que progressivamente Max vai abandonando o modelo ético normativo do neokantismo e se aproximando de uma moral relativista, estabelecendo também no campo de pesquisa nexos relacional entre erótica e religião (RADKAU, HARRINGTON, 2010). A própria Marianne notou a mudança de Weber que podemos retratar nesses dois enxertos:

Na visão de Weber, não se justificam direitos à posse mútua, mas fidelidade e exclusividade na esfera sexual são um consequência natural. Um casamento assim não é apenas um “ideal” de cuja realização o indivíduo não pode se eximir à vontade; é também uma norma *ética* da união sexual. Os sacrifícios que exige precisam ser feitos. Qualquer pessoa que não se esforça por ele ou que o abandona fica sujeita a *culpa*, culpa em relação a seres humanos específicos ou a uma idéia da ordem mais elevada que preside toda moralidade social (WEBER, 2003, p.428). Os valores éticos não estão *sós* no mundo. Se exigem sacrifícios, podem compensar seres humanos que incorreram em *pequena culpa*. E podem levar a conflitos insolúveis em que a ação sem culpa é *impossível*. Depois (em termos éticos) deve haver uma ação em que as pessoas envolvidas sofram as mínimas perdas possíveis em sua dignidade humana, em sua capacidade de bondade e amor, em seu cumprimento do dever, e no valor de sua personalidade, e isto muitas vezes uma conta alta (WEBER, 2003, p.447-448. cit.).

Processaram-se mudanças consideráveis no pensamento de Weber sobre a erótica livre, na segunda passagem o autor está muito mais próximo do politeísmo de valores<sup>2</sup> de Nietzsche que do imperativo moral, presente na primeira citação. Isso ocorre porque o

---

<sup>2</sup> O Politeísmo de valores é entendido por Weber, num contexto de secularização onde cada uma das esferas de valor entra em choque com suas referências próprias e disputam no mundo a orientação de sentido dos agentes. Para maiores informações ver: COHN, Gabriel. *Crítica e Resignação: Fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

autor conviveu, entre o período de escritura de cada passagem, com Frida Gross, a mulher de Otto Gross<sup>3</sup>, pois se comprometeu a ajuda-la na defesa da guarda de seus filhos frente ao sogro Hans Gross que já havia internado o filho manicômio e queria a guarda das crianças (SCHWENTKER, 1996). Nesse período, pode entender melhor do que se tratava a experiência vivida nos montes da Ascona, verificando no acosmismo do amor fraterno uma forma válida, porém irrealista, de luta frente ao processo de racionalização do mundo.

As irmãs Von Richtofen tiveram uma participação especial nos círculos culturais e intelectuais alemães do início do século (DIGGINS, 1999; SCHWENTKER, 1996, GREEN, 1974) se Else caminhou por muito tempo nas veredas do movimento feminista burguês, Frida, por sua vez, constituiu um caso único entre os comentários sociais da época pois abandonou o marido e fugiu para a Inglaterra com D.H. Lawrence (GREEN, 1974). Ambas foram amantes de Otto Gross e, cada uma em seu lugar, foram promotoras da erótica livre às camadas intelectuais e artístico burguesas da época. Como pudemos notar, Weber foi tremendamente influenciado pelo contexto no qual habitava e certamente experimentou na carne uma intensificação erótica tal qual a retratada na esfera. Ainda assim, Gabriel Cohn (1979) já nos alertaria que o autor não levava o valor das ideias até as últimas consequências. Por isso, acaba por mesclar os seus valores pré-eróticos a sua nova situação e nas palavras de Marianne:

O resultado final da preocupação de Weber com as novas visões e as vidas de outros foi alguma coisa assim: o ideal ético da monogamia como devia ser, a forma mais elevada de comunhão erótica permanecia. Mas não poderia ser imposto em todos os tipos de seres humanos e suas vidas. E não se poderia formular quaisquer princípios para o tratamento ético das multifacetadas situações concretas em que os seres humanos tropeçam fora e além do casamento. Mas uma coisa que permanece universalmente válida é o reconhecimento da *responsabilidade* em todos os relacionamentos humanos, assim como a seriedade do esforço moral. Igualmente, os que

---

<sup>3</sup> Otto Gross foi um médico que se deslumbrou com a teoria psicanalítica freudiana, para ele, todos os problemas psicológicos eram causa da repressão sofrida na infância e, por isso, somente combatendo a repressão civilizacional é que o homem poderia se libertar dos seus “demônios. Entrou em choque com Weber, não só por sua teoria, como também pelo relacionamento que este teve com Else Jaffé, que no futuro viria a ser amante de Max. Para maiores informações quanto a Otto Gross ver: SCHWENTKER, Wolfgang. A Paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais- AMPOCS*. São Paulo. v.11 n. 32. out. 1996.

ficam sujeito à culpa sob a contenção de poderosas forças vitais não devem criar uma “teoria” ou um “direito” disso (WEBER, 2003, p.448-449).

## A ERÓTICA WEBERIANA

O tema da racionalização do mundo está presente em todo o pensamento de Max Weber perfazendo um verdadeiro itinerário dos mais variados campos nos quais se desenvolveu um modelo de racionalidade quer seja esta instrumental, valorativa e até sentimental. Se o objeto de maior interesse em seu trabalho é a emergência da racionalidade no ocidente (SELL, 2013) – atentando para a especificidade desta em relação aos outros processos de desenvolvimento de racionalidades semelhantes em outros continentes – entende-se que boa parte do arcabouço tipológico comparativo do autor foi concebida com o intuito de atender a demanda explicativa causada por esta interrogação.

Deste modo, compreender o papel da erótica e de seu desenvolvimento histórico (WEBER, 1974) nas concepções weberianas é sumariamente entender como se deu o processo de racionalização dos afetos e de elocução de um discurso sobre o sexo (FOCAULT, 1999) que durante toda a fase primeira da modernidade velou e garantiu um conjunto de conhecimentos narrativos e, posteriormente, psicológicos e médicos. Há também um componente biográfico (PIERUCCI, 1998; MITZMAN, 1994; RADKAU, HARRINGTON, 2010) que inclinou o autor ao estudo do choque entre a ética da fraternidade de cunho cristão e a erótica enquanto expressão antiética do desejo humano, indicando que, “quanto mais sublimada é a sexualidade, e quanto mais baseada em princípio, e coerente, é a ética de salvação da fraternidade, tanto mais aguda a tensão entre o sexo e a religião” (WEBER, 1974, p.256).

Isso se dá, pois, ambas as esferas disputam espaço no mundo racionalizado, o dossel sagrado (BERGER, 1985) que antes abrigava todos os subsistemas sociais sob a base de um frondoso tronco valorativo comum foi abatido e, em seu lugar, cada ramo foi posto sozinho no solo fértil do tecido social, através desta estaquia desenvolveu raízes morais próprias que fundamentam a validação exclusiva – autorreferentes – destas esferas de valor. É claro que no campo da sexualidade onde a primazia do controle reprodutivo pela religião

(TURNER, 1981) fez, por tanto tempo, do prazer sexual o algoz da pureza humana, que a tensão entre ambos os campos se faria tão aberta e pujante se a erótica “parece oferecer o auge insuperável da realização do desejo de amor na fusão direta das almas entre si”. (WEBER, 1974, p.260). Weber identifica quatro momentos cruciais no “desenvolvimento” da erótica, através de um recorte histórico/genético (SAINT- PIERRE, 2014) evidência o processo evolucionário estabelecendo características tipológicas a cada idade: 1) o período helênico clássico – aqui é necessário destacar que se trata do período da democracia ateniense:

Concebiam as questões eróticas de uma forma relativa e excepcionalmente sóbria (...) para o caráter exclusivamente masculino dessa época de “democracia”, o tratamento da experiência erótica com mulheres como “destino da vida” – para usar nosso vocabulário – teria parecido quase ingênuo e sentimental. O “camarada”, o rapaz, era o objeto exigido com toda a cerimônia do amor, e este fato ocupava precisamente o centro da cultura helênica (WEBER, 1974, p.259).

Assim sendo, ficava relegada ao segundo plano a tentativa de sedução e conquista das mulheres, o patriarcado familiar tornava a mulher mais um objeto dentre tantos outros pertencentes ao dono da casa e a conversação intersexual se estabelecia através do relacionamento entre o cidadão grego e o rapaz<sup>4</sup>, iniciado na vida adulta e nos mistérios da sexualidade através da relação homoerótica (ESTEVEES, AZEVEDO, FROHWEIN, 2016). Da Grécia Antiga dá-se um salto para Idade Média Cristã, nesse período sob o condicionamento cultural dos princípios e dos códigos morais de honra se intensifica a sensação erótica, sendo o amor dos trovadores um serviço erótico dos vassallos, pois que este amor “não se dirigia às moças, mas exclusivamente às mulheres de outros homens; envolvia (teoricamente!) noites de amor abstinências e um código de deveres e casuística” (WEBER, 1974, p.259). É neste momento que a provação do homem aos olhos da dama

---

<sup>4</sup> A pederastia enquanto ritual de iniciação à maturidade deveria acontecer entre um cidadão com menos de quarenta anos, e um jovem rapaz entre os treze e dezessete anos, são os pelos que indicariam o fim da relação entre erastes (o cidadão) e eromene (o amante). É importante também salientar que a homossexualidade podia ocorrer entre adultos, sempre de maneira discreta, diferentemente do que ocorria no rito de iniciação supracitado. Não existia distinção de palavras para definição da sexualidade na Grécia antiga e a única forma condenável de prática homossexual seria a prostituição. Para maiores informações ver: SARTRE, Maurice. A Homossexualidade na Grécia Antiga in: DUBY, Georges (org). Amor e Sexualidade no Ocidente. Lisboa: TERRAMAR, 199-.

ganha contornos mais nítidos, a busca da sedução para a infidelidade conjugal, dada as proibições que a moral da fraternidade cristã impunha foi catalisador do empoderamento erótico feminino, visto que a mulher passava a ter o poder de decisão do ato.

Na Renascença intensifica-se a sensação erótica, a provação mediada não só pelos olhares, como também, pelo desenvolvimento da conversação intersexual promovida pela cultura de salões, a literatura feminina e os problemas amorosos reais das mulheres tornaram-se “valor de mercado intelectual” (WEBER, 1974, p.260) e a correspondência amorosa um modelo de literatura (BOZON, 2002, p. 120). Lembremos que neste período houve como que um relaxamento das normas morais cristãs e uma volta ao helenismo – remodelado já que inclusivo às mulheres – e, com isso, à valorização dos prazeres e belezas inspirando toda uma época.

A última intensificação da erótica veio marcada pelo acirramento da contenda entre esta e a religião, a emergência do especialista vocacional que teve como mola propulsora o asceticismo em sua versão protestante (WEBER, 2001) ocorre como que um choque entre uma religião racionalizada em seus princípios éticos, ainda que sua finalidade seja irracional e uma valoração antiética do gozo humano. É aqui que Weber apresenta a contenda entre o sexo e a religião<sup>5</sup>, pois se o sexo apresenta a sensação que “pode ser interpretada “simbolicamente” como um sacramento” (WEBER, 1974, p.260) onde o amante se sente preso à “essência mais real da própria vida” a ética da fraternidade cristã:

Opõe-se radical e antagonicamente, a tudo isso. Do ponto de vista desta ética, essa sensação interior e terrena da salvação pelo amor maduro compete da forma mais aguda possível, com a devoção há um Deus supramundano, com a devoção a uma ordem de Deus eticamente racional, ou com a dedicação de um anseio místico de individuação, que só parece “genuíno” à ética da fraternidade. (WEBER, 1974, p.261)

---

<sup>5</sup> John Patrick Diggins traz de maneira sugestiva a voz de George Bataille para explicar as proibições ao prazer erótico: “se nos submetemos a ele, não o percebermos mais. Entretanto, no ato de sua violação, sentimos a angústia da mente, sem a qual o tabu não existiria: eis a experiência do pecado. Essa experiência leva à transgressão completa, que [...] ao manter a proibição, o faz a fim de com ela se beneficiar. A experiência interior do erotismo exige do indivíduo uma sensibilidade à angústia inerente ao tabu, não inferior ao desejo que o leva a infringi-lo. Isto é sensibilidade religiosa, que sempre une intimamente desejo e terror, prazer intenso e angústia.”(BATAILLE apud DIGGINS, 1999, p.210).

Ao inevitável choque entre duas esferas concorrentes está no substrato da tensão entre religião e erótica o paradoxo da salvação intramundana, se por um lado ela é libertação, por outro é conflito, inexorável e latente por sob toda intelectualização:

É muito mais do que a coação mais íntima da alma do companheiro menos brutal. Essa coação existe porque jamais é percebida pelos próprios participantes. Pretendendo ser uma dedicação extremamente humana, ela constitui o gozo sofisticado de si mesmo no outro (WEBER, 1974, p.261)

Ai está a conclusão: a mão que salva é a mesma que domina. O Eros e Thanatos de Sigmund Freud (1977, 2010a, 2010b, 2013) também estão presentes no pensamento de Weber, a erótica possui inerente ao amor acósmico que pretende abraçar toda criatura, uma força contrária, explosiva que pode ser levada as últimas consequências (MARCUSE, 1975). Mas há uma forma de salvar o caminho erótico, é isso que nos conta no parágrafo final de seu texto:

De um ponto de vista exclusivamente interior, somente a ligação do matrimônio com o pensamento da responsabilidade ética pelo outro – daí uma categoria heterogênea à esfera exclusivamente erótica – pode encerrar o sentimento de que alguma coisa única e suprema poderia estar encerrada no matrimônio; que ele poderia ser a transformação do sentimento de um amor consciente da responsabilidade, através de todas as nuances do processo vital orgânico, “até o pianíssimo da velhice”, e uma garantia mútua e uma dúvida mútua (no sentido de Goethe). Raramente a vida nos oferece um valor em forma pura. Aquele a quem é dado, pode falar da graça e fortuna do destino – e não do seu próprio “mérito” (WEBER, 1974, p.263).

## O AMOR E BAUMAN

Sobram fartos materiais quando se trata de observar a biografia de Weber e a influência desta na sua produção, com relação à vida Zigmunt Bauman ocorre o extremo oposto. Discreto em sua vida pessoal, o autor nega a possibilidade de se tornar personalidade pública, numa sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003) onde autores dos mais diferentes ramos teóricos tornam-se verdadeiras *vedetes* com direito a perfis em redes sociais tais quais: Instagram, Facebook, Twitter, Youtube, etc. É de se admirar a

perspicácia do sociólogo polonês ao ter se mantido invisível no que tange à sua vida pessoal, talvez a influência dos seus estudos sobre política, que envolvem o desaparecimento desta e de seu principal ator – o homem público – em meio às tiranias da intimidade (SENNET, 1988), tenham lhe dado à chave da ação por sob uma modernidade líquida. Como afirma Keith Tester (2011, p.12. *itálico da fonte*):

A recusa de Bauman em falar sobre si mesmo é uma recusa a aceitar esse jogo. É o repúdio prático dessa expectativa cultural e do custo que ela inflige às pessoas. Bauman evita o autobiográfico para que a vida *pública* – o único tipo de vida que pode constituir os alicerces de uma *política* integral e respeitável – possa ser fortalecida na prática.

Bauman possui um referencial conceitual e um ponto de vista que muitos atribuem à filosofia, entendendo que mesmo em seus trabalhos sociológicos toda sua reflexão é permeada com um conjunto de conceitos e modos de percepção filosóficos, o próprio autor atribui a isso seus estudos na universidade da Polônia e a liberdade que as ciências humanas alcançaram lá por um tempo (BAUMAN, 2004, 2005, 2011). Seus escritos como também suas ações como homem público denotam um forte comprometimento moral, ao passo que da sua própria boca vem à afirmação:

Sou moralista no sentido de que creio que todas as decisões que o ser humano toma em seu ambiente social (pois ninguém está sozinho, todos nós estamos conectados a outras pessoas) têm significado ético, têm um impacto em outras pessoas, mesmo quando só pensamos no que ganhamos ou perdemos com o que fazemos (PALLARES-BURKE, 2004, p.307).

A responsabilidade, no sentido leviniano<sup>6</sup>, talvez seja o grande conceito que serve de base para toda a produção sociológica do autor, e, em específico, seus escritos sobre o amor (2004) a individualização (2008) e a ética (1997). Interessante a relação que podemos estabelecer com a própria responsabilidade como ética em Weber (SAINT-PIERRE, 1994;

---

<sup>6</sup> Bauman debruçou-se sob o trabalho de Emanuel Levinas (1906-1995) e através da assimilação do conceito de responsabilidade pautou toda a sua prática sociológica dentro de um conteúdo ético distintivo. A responsabilidade moral seria a responsabilidade por outro, ser para alguém significaria viver para o outro, como modalidade de conduta ética humana. Para Levinas a ética viria antes da ontologia, ou seja, a moral é a matéria na qual os arranjos sociais são moldados é a condição para talha-los e não os arranjos sociais por meio de sanções e controles moldam e solidificam a moral, como em qualquer outra instituição humana – moral em Durkheim.

COHN, 1979), ainda que seja característica central do político – sendo que a ética da convicção seria aquela que caberia ao cientista – Weber não se negou a discussão que perpassou toda a corrente historiográfica alemã, de Gervinus a Rickert, quanto à isenção de juízo de valor (MACRAE, 1974, p.23). É que a sociologia dos tempos atuais não obriga mais os seus praticantes há um referendo de neutralidade axiológica<sup>7</sup>, está muito mais apta a interpretar a problemática do viés como única forma de se fazer crítica (HARAWAY, 1995).

Um dos momentos fundamentais na formação do pensamento engajado, como responsabilidade, na sociologia do autor, sem dúvida alguma foi a publicação do livro de sua esposa, Janina, *Inverno da Manhã*, trabalho biográfico que relata a dura vida de menina judia nos campos de concentração nazistas, memórias que a própria Janina tinha dificuldade de comentar em seu lar (BAUMAN, 2011). A partir da sua leitura Bauman mudou a forma como encarava o holocausto e sua reflexão acerca do fenômeno a racionalidade nazista (BAUMAN, 2005, p.9), percebeu o perigo da modernidade e a lição de conteúdo ético que se encerrava sob aquela nebulosa experiência no mundo racionalizado:

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida. (BAUMAN, 2005, p.12).

Denunciava aqui a apática pretensão ao esquecimento das sociedades pós-modernas. É necessário observar que foi somente em sua fase final – mosaica – na Inglaterra (SANTOS, 2014) que Bauman adotou sem restrições o termo de modernidade líquida e com ele fez sua crítica à fugaz e instantânea, maleável e transitória condição humana nos tempos hodiernos. A desintegração moderna causou um novo ordenamento:

---

<sup>7</sup> A Neutralidade Axialógica é um princípio que Weber usa para a compreensão do dilema da produção científica, ao tentar referendar um estatuto de cientificidade para a sociologia o autor acaba por estabelecer um vínculo desta com o princípio da causalidade, já conhecido nos campos das ciências físicas e biológicas para validar a cientificidade do seu método. Ainda assim Weber fez concessões, como sua ciência tratava de valores, ela deveria estabelecer relações entre e com estes, sem, no entanto, distinguir um juízo de valor, este do campo próprio à filosofia e teologia.

primeiro sob as bases de um regime de governança (FOCAULT, 2008) que esquadrihava a experiência dentro de padrões de conduta altamente racionalizados e controlados por uma fria carapaça institucional e burocrática e, num segundo momento, a modernidade dissolve-se, a si mesma, numa espécie de singularidade física que desintegra todos os corpos institucionais sólidos tornando-os líquidos – os valores, princípios e normas institucionais são matérias solúveis que acabam por formar uma solução líquida sempre provisória e pronta à dissolução. Bauman e Weber possuem uma espécie de nostalgia daquilo que se perdeu de substancial na modernidade, numa espécie de conservadorismo revolucionário (BAUMAN, 2005) numa tentativa de retomada do que se esvaziou. Dotado também de um ceticismo pessimista, que longe da resignação weberiana (COHN, 1979), toma como postura, em suas palavras:

Os otimistas acreditam que este mundo é o melhor possível, ao passo que os pessimistas suspeitam que os otimistas podem estar certos... Mas acredito que essa classificação binária de atitudes não é exaustiva. Existe uma terceira categoria: pessoas com esperança. Eu me coloco nessa terceira categoria. De outra forma, não veria sentido em falar e escrever... (GIRON, 2014).

## **AS AFINIDADES ELETIVAS EM WEBER E BAUMAN**

As frias mãos esqueléticas da razão condenaram a destinação humana ao laço gélido da impessoalidade burocrática, seria esse o diagnóstico weberiano (SOUZA, 1997) se o mundo tivesse permanecido sob os laços materiais e mentais da subjetividade moderna em seu momento sólido. Acontece que, o que vimos, é a total desconstrução deste movimento de controle e centralização da dominação dos corpos, Bauman (2001) compreende que na segunda fase a modernidade destitui-se da necessidade de produzir a nova ordem, o que impera seria um caos de diferentes ordenamentos sem sentido prévio, funcionando como que num pesadelo kafkiano onde:

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluída, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida

conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p.12).

Emerge daí uma verdadeira sociedade dos indivíduos (ELIAS, 1994) onde a coerção já foi implantada subjetivamente nos sujeitos e não há mais instância moderadora da ordem, os atributos modeladores da identidade perdem o seu poder de significação social (BAUMAN, 2001, p.29) sendo a autodeterminação constante o bloqueio de toda capacidade de articulação heterônoma a afirmação da individualidade como única forma de ser socialmente determinada. E assim, a liberdade individual é a garantia da perpetuação natural do ordenamento de disparidades caóticas as quais estamos destinados a servir de maneira voluntária.

O papel social do sexo também perdeu parte da sua funcionalidade, se na teoria freudiana as catexes pulsionais deveriam ser represadas com o fim de direcionar a libido para escoadouros socialmente relevantes, agora a repressão deve ser reduzida ao máximo para que se direcione a pulsão libidinal para outros objetos, individualmente relevantes. É nesse sentido que a sexualidade, dantes reprimida para destinação de uma sublimação com fins sociais (FREUD, 2010) neste momento toma a frente do processo de sedução do próprio itinerário de produção capitalista, o desejo, expressão emotiva reversa do amor, foi substituído pelo impulso do consumo (BAUMAN, 2010) e o elo entre repressão sexual e sublimação foi definitivamente rompido:

Depois da época em que a energia sexual tinha de ser sublimada para que a linha de montagem de automóveis se mantivesse em movimento, veio uma época em que a energia sexual precisava ser ampliada e liberada para selecionar qualquer canal que pudesse estar à mão e estimulada a se expandir, de modo que os veículos que saíam da linha de montagem pudessem ser ardentemente desejados como objetos sexuais (BAUMAN, 2004, p.36).

A erótica<sup>8</sup> torna-se necessária para a fundamentação mesma da sedução presente no fetichismo da mercadoria (MARX, 2013), o capitalismo se tornar sedutor e

---

<sup>8</sup> A erótica capitalista, ou melhor, a sedução da sexualidade contemporânea reduziu a erótica a um acessório de finalidade meramente ilustrativa. O que antes era um campo de multifuncionalidade com corpo de esfera social recheado de atributos valorativos, modos de ser e fundamentações sociais próprias recebe, deste ponto de vista, a finalidade única e exclusiva de valorização idílica da performance no ato da cópula. Para maiores esclarecimentos ver: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.p.216.

necessariamente racionalizado na prática de *scientia sexualis*, deste modo a liberdade sexual tanto almejada na década de 60 tornou-se o próprio pesado manto que encarcera a subjetividade sexual a uma prática de consumo. Não houve emancipação, mas sim redistribuição do sexo (BAUMAN, 1998, p.182.a.). Marcuse (1975) já denunciava isso – ainda que para esse autor a leitura freudiana da repressão pulsional era a base para a tese da mais repressão efetuada pelo capitalismo e não o redirecionamento da pulsão para o impulso de consumo – e apontava para a perversão como única escapatória a esse movimento hegemônico do capitalismo no campo dos afetos. Bauman entende que até mesmo a perversão tornou-se objeto de mercado<sup>9</sup> sendo que somente o tabu da pornografia infantil parece incomodar a moral sexual moderna.

Quanto tempo de vida restaria ao amor na jaula de ferro? Quais as implicações reais experimentadas por aqueles que tentam compreender os relacionamentos amorosos como destinação da vida para um outro no deserto do real? Essa é a resposta que Zygmunt Bauman busca em todos os seus escritos acerca dos vínculos humanos. É contra o amor livre que o polonês se levanta, ele não seria, como na concepção de alguns (GIDDENS, 1993), expressão da liberdade singularizada, nova forma de estabelecimento de laços e vínculos de pertencimento humanos destituído das ingerências patriarcais. Seria antes, o relacionamento sem risco da reciprocidade, sem comprometimento e sem qualquer responsabilidade por aquele com quem nos envolvemos, seria:

A "purificação" do sexo da contaminação de outros aspectos das relações inter-humanas – (o processo destinado a garantir melhor possibilidade de explorar o potencial hedonístico do sexo), o presente discurso sexual propaga, neste caso, o "esfriamento" da interação humana e sua libertação de todo sabor erótico (e, mais generalizadamente, afetivo) -, em suma, sua nova e mais radical "impessoalização" (BAUMAN, 1998, 189.b.).

A grande narrativa desenvolvida por Weber da libertação do sexo como esfera de valor autorreferente (WEBER, 1979) ganha – justo ela – contornos de tragédia. Na análise Bauminiana, é a purificação do sexo por sua racionalidade, em si mesma, que impede as interações eróticas, que esfria os relacionamentos de qualquer sentimento que não seja

---

<sup>9</sup> Não é à toa que há uma inflexão para a popularização do *bondage* como conduta sexualmente aceitável e até mesmo estimulante do relacionamento entre casais. Filmes como *cinquenta tons de cinza* e as listas enormes de brinquedos sexuais que são fáceis de encontrar em sites especializados em produtos eróticos demonstram a verdadeira versatilidade das redes de serviços sexuais atuais, erótico é aquilo produzido para o ato sexual.

sensação passageira, que transforma erótica em sexo e que anula, com isso, a salvação intramundana – visto que a comunhão experimentada de um eu com um tu, acaba sendo experiência momentânea, fácil de reproduzir e descarregada de qualquer finalidade valorativa.

“Primeiro, mediante a "purificação" da parceria, o amor erótico foi reduzido a sexo; depois, em nome da purificação das intenções sexuais impuras, a parceria é "purificada" do amor ...” (BAUMAN, 1998, p. 189.b.). É a própria esfera erótica que num movimento sob si mesma devora aquilo que lhe dava sustentação, os valores eróticos ensimesmados passam a dissolver-se diante da demanda pelo consumo de uma erótica totalmente mercantilizada. O amor, assim, enquanto laço leviniano que une sob a responsabilidade de um relacionamento ético, não pode mais se relacionar diretamente com o sexo purificado. A erótica que antes era uma das faces racionais do sexo passa a ser um elemento totalmente estranhado a qualquer comportamento verdadeiramente amoroso, pois o amor pode ser concebido como:

um molde para o eu ético e o relacionamento moral. Embora a razão se acautele ao pisar na fronteira do ontológico, o amor indica o domínio do ético. A ética, podemos dizer, é feita à semelhança do amor. Qualquer coisa dita aqui sobre o amor também se aplica em igual medida à ética (BAUMAN, 2008, p.212).

Antes que a crítica de Bauman possa parecer o fim de toda a esperança weberiana presente no sexo é necessário dizer, como Jesse Souza (1997), que há uma tentativa por parte do autor de reunir elementos conceituais como a ação racional com relação a fins e a ação afetiva sob um ponto de contato convergente. Weber não abandonou a dimensão ética do casamento como sendo espaço ideal para o desenvolvimento do cultivo de uma erótica – ainda que tenha relativizado seu juízo de valor sobre o amor livre – entendeu antes que a tomada de responsabilidade ética de um pelo outro, categoria exógena a esfera erótica pura, seria a única via de ressignificação do casamento sob a base de uma experiência de amor completo. Não obstante em suas próprias palavras, “Raramente a vida oferece um valor em forma pura. Aquele a quem é dado, pode falar da graça e fortuna do destino – e não do seu próprio “mérito”.” (WEBER, 1974, p.263).

A beleza de compreender um relacionamento como valor, em forma pura, demonstra que as concepções de amor em Weber e Bauman não são tão distintas, o que

pode parecer uma condenação da erótica weberiana por parte do segundo, muito bem pode ser um complemento contemporâneo à tentativa de salvar o “encantamento sexual” num mundo onde tudo é tratado como mercadoria. Já do primeiro, o resgate da erótica como expressão de uma experiência salvífica diante de um mundo racionalizado pode garantir a abordagem atual um componente de esperança e um dimensão mais completa do desenvolvimento de uma erótica livre, que em seu substrato durante os séculos já esteve em situações complicadas e continua a caminhar sob a forte tensão com as outras esferas de circulação dos valores no mundo.

### **A INTENSIFICAÇÃO DA ERÓTICA NO SÉCULO XXI**

O amor em sua dimensão erótica nos tempos atuais funciona tal qual um *readymade*<sup>10</sup>, pois os meios digitais trataram de tornar o já racionalmente caótico campo da sexualidade em expressão de significados ideativos sem base de representação real, ou seja, é possível estabelecer vínculos humanos eróticos sem que se haja qualquer tipo de relação material, a virtualidade erótica cria um campo avesso, o que torna o jogo de conversação e relacionamento sexual ainda mais fugidio a reflexividade. O avesso, no entanto, não é o oposto, para Bauman (2004, p.40) foi no ambiente virtual que o processo de “purificação” do sexo chegou ao seu fim, o “desencantamento da erótica” pela sexualidade, atinge seu ápice justamente onde não há mais corporeidade.

O relacionamento virtual é o mais virtuoso na lógica da sexualidade consumista, pois agora é possível numa só tacada reduzir ao máximo os riscos da contaminação afetiva evitando, também, as perdas de opção. A separação entre comunicação e relacionamento perpetrada pelas redes sociais fazem dos relacionamentos humanos brevidades (BAUMAN,

---

<sup>10</sup> Marcel Duchamps (1887-1968) criou o *readymade* como um novo conceito na forma de se produzir arte, seria possível se apropriar de qualquer objeto produzido pela indústria de massa, sem distinção estética e, libertando-o de sua finalidade funcional – dando-lhe caráter de inutilidade – torna-lo uma verdadeira obra de arte. Para maiores informações ver: GOMPERTZ, Will. *Isso é arte?* : 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Quanto ao uso metafórico do conceito de *readymade* na concepção da erótica – sexualidade – virtual ver: BAUMAN, Zigmunt. *Vida à Crédito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.p.217.

2004, p.39). A socióloga Eva Illouz (2014) mapeou o desenvolvimento desta nova forma de relacionamento em sua sociologia dos afetos e pode nos contar que:

As relações românticas não apenas são organizadas no mercado, como se tornam, elas próprias, mercadorias produzidas numa linha de montagem, a serem consumidas com rapidez, eficiência, por um custo baixo e em grande abundância. O resultado é que o vocabulário dos afetos é hoje mais exclusivamente ditado pelo mercado. [...] é como se as pessoas que projetaram os sites de relacionamento da internet tivessem lido e aplicado o diagnóstico da miséria e desolação dos teóricos críticos como Adorno e Horkheimer. A racionalização, a instrumentalização, a administração total, a reificação, a fetichização, a mercantilização e o “arrazoamento” heideggeriano, tudo isso pareceu saltar aos olhos dos dados que colhi (ILLOUZ, 2014, p.130-131).

Este diagnóstico se encaixa de maneira perfeita com a leitura de Bauman dos relacionamentos modernos que são perpassados pela internet (BAUMAN, 2004). No entanto, Illouz tenta compreender esse processo como uma nova maneira de modulação das relações afetivas que possuem seus fantasmas, mas que estão se adequando ao novo modelo de relacionamento social que a internet colocou como padrão e forma da contemporaneidade.

Urge compreender que há uma mudança dos afetos, chamada por Eva Illouz de capitalismo afetivo<sup>11</sup> que ocorre desde há transposição do homem ao contexto industrial moderno, onde a experimentação e prática da afetividade considerada feminina foram cruciais ao condicionamento erótico masculino (ILLOUZ, 2014, p. 27); caminhando no passo seguinte para os divãs da terapia do aconselhamento e da difusão irrestrita da literatura de autoajuda (*ibid.* p.103) – com o ponto positivo de que esta garantia à oferta de um sentido para a vida que já não se encontra mais nos espaços consagrados – e que, por fim, atingindo o seu mais alto grau de desenvolvimento com a internet, esta sendo:

---

<sup>11</sup> Diferentemente do que se pode acreditar pelas passagens, Eva Illouz não tende a compreender o capitalismo afetivo sob uma perspectiva pessimista e resignada. A autora aponta que verificar nesse movimento: “ambivalência e contradições, uma vez que a mesma linguagem e mesma técnica que tornam os relacionamentos democráticos e acessíveis a exame são também as que possibilitaram a mercantilização da individualidade” (ILLOUZ, 2014, p.155).

O desdobramento mais recente desse processo, pois pressupõe, um eu psicológico capaz de se apreender através dos textos, de se classificar e quantificar, e de se apresentar e agir publicamente, sendo o seu problema, precisamente, como reconverter esse desempenho psicológico público numa relação afetiva privada. (ILLOUZ, 2014, p.154).

Dá-se, portanto, somente agora a *secularização* completa da esfera erótica, traduzida em campo de relações sociais afetivas e determinações hierárquicas de poder descentralizada, a comensuração (ILLOUZ, 2014, p.51) enquanto prática de mediação numérica de duas grandezas distintas agora pode traduzir em números os relacionamentos humanos e afetivos, estabelecendo padrões de comportamento daqueles que se propõe a amar no campo virtual. Repensar a esfera erótica e o potencial de libertação da racionalização progressiva do comportamento humano faz se necessário para reestruturar o potencial hermenêutico da teoria no que concerne há uma esfera erótica virtual.

## CONCLUSÃO

Perpassando a espriada relação entre biografia e teoria, identificamos as correlações entre a vida de Max Weber e seus escritos sobre a erótica (RADKAU, 2009), identificando os elementos que dão tônica a experiência do vivido e a construção de um aparelho hermenêutico para apreensão deste movimento afetivo (WEBER, 1974). Posteriormente encontramos também correlações entre a leitura crítica de Bauman sobre o amor na modernidade líquida (2004) e sua correlação com a prática de uma moral engajada na vida cotidiana do próprio autor (BAUMAN, 2010).

É interessante, perceber a distinção na compreensão da erótica por Weber e Bauman, se para o primeiro essa se desenvolve durante o processo de secularização e se interpõe vivamente em um choque de tensões avassaladoras em plena modernidade (WEBER, 1974), para o segundo é a experiência do amor que proporciona em sua dimensão erótica a passagem de um componente afetivo a um relacionamento racional maduro, que está sendo vivamente desconstituída na atualidade (BAUMAN, 2004). A modernidade líquida engoliu e solapou os próprios valores com os quais se poderiam estabelecer a relações morais necessárias ao amor humano e garantir também a

permeabilidade da erótica enquanto campo de expressão e derivação do amor. É possível ainda compreender uma espécie de “secularização da erótica” aonde o desejo vai racionalizando-se para atender há uma demanda de mercado, constituindo-se como impulso aquisitivo e, por fim, solapando através da impessoalidade garantida pelo mundo virtual, todo e qualquer possibilidade de vínculo que seja erótico em sua mescla de componentes irracionais e valorativos (ILLOUZ, 2014).

Interpõe-se, então, um dilema ético por sob o entendimento dos autores, e que, para lá de uma leitura positivista de sociologia, são dados fundamentais a apreensão de uma teoria ao estudá-la. A ética da responsabilidade weberiana (COHN, 1979) elemento fundamental na construção epistêmica da hermenêutica compreensiva, no final de sua vida, foi reestruturada (WEBER, 2003) para estender a reflexão sobre os movimentos eróticos que pululavam em Heidelberg (SCHWENTKER, 1996) e que influenciaram decisivamente a experiência de vida de Weber (GREEN, 1974). A relação ética não foi abandonada, pois foi entendida pelo autor como único modo de viver a experiência erótica de maneira não superficial e hedonista, ainda que fosse para poucos. O modelo do casamento com a união consubstancial entre responsabilidade moral e erótica seria o caminho perfeito a consolidação de uma vida plena (WEBER, 1974, p.262-263).

Interessante pensar que a perfeição no relacionamento conjugal compartilhando os prazeres da erótica sem se abster do componente ético tenha sido vivenciada, não por Weber – assíduo defensor desta esfera como salvação intramundana (PIERUCCI, 1998). Mas antes, por Bauman, aquele que vê no relacionamento proporcionado pela sexualidade livre, uma verdadeira negação do amor responsável e da própria erótica. Irônico ou não, foi o amor de Janina e Bauman que pode ser colocado como modelo para o tipo ideal weberiano do relacionamento erótico, nos moldes da ética Quaker do matrimônio<sup>12</sup> e, não o relacionamento do próprio Weber, permeado em seu final por dois casos extraconjugais, que o “salvaram” de sua grave crise psicológica (RADKAU, 2010).

---

<sup>12</sup> Para maiores informações da influência que a leitura das cartas de William Penn causou sob a perspectiva do matrimônio em Weber ver: KENT, Stephen. Research Note: Weber, Goethe and William Penn: Themes of Marital Love. *Sociological Analysis*, v.46,n.3, 1985, p.315-320.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. TESTER, Keith. **Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.a.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mal estar na pós modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.b.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vida à Crédito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Entrevista com Zigmunt Bauman, Revista Tempo Social: São Paulo- USP, v.16 n.1. jun, 2004, p.301-328.**

COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação: Fundamentos da sociologia de Max Weber**. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Ebook Brasil, 2003.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Coautoria de Michael Schroter. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994.

FREUD, Sigmund. (1901-1905). **Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna**. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.9).

\_\_\_\_\_. **Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica do homem primitivo e a dos neuróticos.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos.** Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.a.

\_\_\_\_\_. **O Mal estar na cultura.** 2 ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.b.

\_\_\_\_\_. **Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica do homem primitivo e a dos neuróticos.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber I.** vl.1,ed.13. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População: Curso dado no Collège de France (1977-1978).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte? : 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIRON, Luís Antônio. *Zygmunt Bauman: “Vivemos o fim do futuro”.* Disponível em <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb-vivemos-o-fim-dofuturo.html>> Consulta: 24/02/2017 às 15:30.

GREEN, Martin. **The Von Richthofen Sisters.** Basic Book's inc: New York, 1974.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Campinas: *Cadernos Pagu* (Unicamp), v.5, 1995, p.07-41.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio e Janeiro: Zahar, 2011.

KENT, Stephen. **Research Note: Weber, Goethe and William Penn: Themes of Marital Love.** *Sociological Analysis*, v.46,n.3, 1985, p.315-320.

LEPSIUS, Mário Rainer. **Mina Tobler and Max Weber: Passion Confined.** Max Weber Studies: London, v.4.n.1.jan, 2004.p.9-21.

MACRAE, Donald. G. **As ideias de Weber**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do pensamento de Freud**. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. v.I. São Paulo: BOITEMPO. 2013.

MIRANDA, Paulo Enrique Façanha de. **Das palavras à vida; o prazer em Max Weber**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2009.

MITZMAN, Arthur. **The Iron Cage: an historical interpretation of Max Weber**. New Jersey: Transaction Publication, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Reencantamento e Dessecularização: A Propósito do Auto-engano em sociologia da religião**. Conferência pronunciada no VIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, "A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica". Brasília, UnB, agost, 1997.

\_\_\_\_\_. **O sexo como salvação neste mundo: A erótica Weberiana nos ensaios reunidos de sociologia da religião**. *Comunicação VIII Jornadas sobre alternativas religiosas na américa latina*. São Paulo, set, 1998.a.

\_\_\_\_\_. **Secularização em Max Weber: Da Contemporânea Serventia de voltarmos a acessar\* aquele velho sentido\*\***. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*: São Paulo v.13 n.37. jun, 1998.b.

\_\_\_\_\_. PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do Mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. 2 ed, São Paulo: Editora 34, 2005.

SAINT- PIERRE, Héctor L. **Max Weber: Entre a paixão e a Razão**. Campinas: Editora Unicamp. 1994.

SARTRE, Maurice. **A Homossexualidade na Grécia Antiga** in: DUBY, Georges (org). **Amor e Sexualidade no Ocidente**. Lisboa: TERRAMAR, 199-.

SCHWENTKER, Wolfgang. **A Paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais- AMPOCS*. São Paulo. v.11 n. 32. out. 1996.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

SOUZA, Jessé. **Patologias da Modernidade: Um diálogo entre Habermas e Weber**. São Paulo: Annablume, 1997.

RADKAU, Joachim. **Max Weber: A Biography**. Cambridge, UK: Polity Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Joachim Radkau replies to his critics: Reviving a Icon or, Eros versus Logos in Max Weber revisited**. *Max Weber Studies*. v.10.n.1. jan. 2010, p.47-69.

TURNER, Bryan S. **Religion and Social Theory**. 2.ed. London, UK: SAGE, 1991.

WEBER, Marianne. **Max Weber uma Biografia**. Rio de Janeiro: Casa Jorge, 2003.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia: e outros ensaios**. Seleção de Maurício Tratemberg. Coleção os Pensadores – História das Grandes Idéias do Mundo Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1974.